

A Joia Roubada

ANTON TCHEKHOV



Free Books

ANTON TCHEKOV

**A JOIA
ROUBADA**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL
CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

Título: A JOIA ROUBADA.

Autor: Anton Tchekov (1860 – 1904).

Tradução: Autor desconhecido do séc. XX. Conto publicado originalmente no jornal “Diário de Notícias” (SP), edição de 21 de novembro de 1848. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa: Franz Zwollo (1872 – 1945).

Leiaute da capa: Canva (adaptado).

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 46.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, “*caput*” da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br ,
www.contosdeterror.site

SUMÁRIO

A JOIA ROUBDADA.....	5
SOBRE O AUTOR.....	19

A JOIA ROUBDADA

Machenka Pavlezkaya, jovem recém-saída do pensionato, de volta do passeio, entra na casa de Cuchin, onde serve como governanta. O porteiro Miguel, que lhe abre a porta, está agitado e vermelho como um caranguejo.

— De cima vem um barulho esquisito. A patroa, com certeza, teve um ataque... — pensa Machenka — ou então brigou com o marido.

Na antessala e no corredor, cruza com mocinhas da casa, uma das quais chora.

Aproximando-se de seu quarto, vê o dono, Nicolau Serguievitch, que dela sai a toda pressa. Não é um homem velho, mas tem a cara enrugada e ostenta uma vasta calva. Seu corpo estremece... Passa levantando os braços, e exclama sem perceber a presença da governanta:

— Que horror! Que falta de delicadeza! Tolice! Abominável!

Machenka entra em seu quarto e, pela primeira vez na vida, experimenta o vivo sentimento que sofrem constantemente as pessoas condenadas a depender de gente rica.

Efetua-se uma busca em seu quarto. A dona da casa, Fedosia Vasilevna, gorda, de ombros largos, bigoduda, com espessas sobrelhas negras, de mãos vermelhas e modos bruscos, mais se assemelhando a uma verdureira que a uma senhora, está ao lado da mesa, examinando o saquinho de trabalhos de lã, pedaços de pano, papeizinhos... Evidentemente, não espera ver a governanta, porque, ao virar a cabeça e ao perceber sua presença, seu rosto pálido e assombrado perturba-se ligeiramente. E balbucia:

— Desculpe-me... derrubei isto sem querer... prendeu na minha manga...

A senhora Cuchin acrescenta alguma coisa e sai, majestosa. Machenka lança um olhar ao redor e sente-se medrosa sem saber por quê. Que procura Fedosia Vasilevna na bolsa? Se é verdade que involuntariamente a prendeu e derrubou, por que Nicolau Serguievitch saía do quarto tão agitado? Por que uma gaveta da mesa está aberta? Por que o cofrezinho, onde a governanta guarda as suas moedas e os selos usados, está também aberto? Nem ao menos souberam fechá-lo. A estante, a mesa, a cama, tudo apresenta vestígios de busca. O mesmo se

nota no cesto de roupa branca. Evidentemente, a roupa está dobrada de modo diferente. Pelo que se vê, tudo foi revolido, esquadrihado. Mas, qual o motivo? Machenka, lembrando do semblante perturbado do porteiro, de sua agitação, que ainda continua, na cara chorosa da moça, quis explicar-se... Se houver no fundo de tudo isso um crime? Machenka transtornada, senta-se no cesto de roupa.

A moça que chorava entra no quarto.

— Lisa, sabe por que fizeram buscas no meu quarto?

— Falta um broche de dois mil rublos da senhora — respondeu Lisa.

— Mas que tem isso que ver com o que aconteceu aqui? — diz, com assombro, a governanta.

— Revistaram todos, e a mim também. Tivemos que nos despir por completo... Deus é testemunha de que eu não tinha o broche, como também de que eu não me aproximei do toucador... Assim direi à polícia.

— Mas por que procurá-lo entre as minhas coisas? — acrescentou a governanta.

— Mas já não lhe disse que furtaram o broche da senhora? Ela, pessoalmente, fez todas

as pesquisas. Até revistou o porteiro Mijaib. Uma vergonha! O senhor, que presenciava, não se opôs a isso, limitando-se a cacarejar como uma galinha. Mas, tranquilize-se, não precisa tremer assim. Nada encontraram em seu quarto. Como não tirou o broche, nada deve temer.

— Contudo, é uma ofensa, um ultraje... — disse Machenka, sufocada de indignação. — É abominável... uma vileza... Que direito tem ela de suspeitar de mim e ir mexer em minhas coisas?

— Vive, ainda, em casa alheia, jovem — replica Lisa. — É uma senhorita, porém, apesar de tudo... é uma simples empregada... Não é o mesmo que viver na casa de seus pais.

Machenka prorrompe em soluços. Nunca lhe fizeram tamanha injúria. Ela, uma senhorita bem-educada, fina, suspeita de roubo e revistada como qualquer uma. Ninguém pode imaginar afronta maior. A este sentimento alia-se o temor do que lhe pode acontecer no futuro. Talvez a detenham, a dispam. Talvez a metam num cárcere escuro, frio, cheio de ratos e escaravelhos.

Quem a defenderá? Seus pais vivem longe e não têm recursos para a viagem. Ela está sozinha na capital, sem amigos, sem parentes. Podem fazer tudo com ela. Tudo o que quiserem.

— Procurarei os juízes e advogados... — pensava Machenka, medrosa. — Contar-lhes-ei tudo, prestarei juramento... Acreditarão em mim, pois não sou uma ladra...

Machenka lembra-se, de repente, de que, em seu quarto, entre a roupa, havia alguns doces que sobravam das refeições e guardava no bolso. O pensamento de ter esse pequeno mistério sido descoberto pelos patrões deu-lhe tanta vergonha, que se sentiu ruborizada, latejando-lhe as fontes.

— A comida está na mesa!

Machenka arruma os cabelos, limpa o rosto com uma toalha molhada e dirige-se para a sala de jantar. Já começaram a comer... Num extremo da mesa, senta-se Fedosia Vasilevna, orgulhosa, muito séria. No outro, Nicolau Serguievitch. Aos lados, os convidados e as crianças. Dois criados servem a comida. Todos sabem que a patroa tem um desgosto e não se

atrevem a falar. Não se ouve outro ruído senão o do mastigar e engolir.

— Que há para o terceiro prato? — interroga Fedosia Vasilevna com voz angustiada.

— Esturjão ao Reno — responde o criado.

— Eu mesmo encomendei esse prato, Fenia — diz Nicolau Serguievitch. — Hoje senti vontade de comer peixe. Se não te agrada, que não o sirvam...

A Fedosia Vasilevna não agradam os pratos que não são por ela encomendados. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— A senhora se excitou demasiadamente — diz melosamente Mamikof, seu médico, a sorrir com doçura. — É excessivamente nervosa, esqueça o broche... A saúde vale mais que dois mil rublos.

— Não é pelos dois mil rublos — replica a patroa, uma lágrima a lhe correr pela face. — É o fato em si que me transtorna. Não posso permitir que haja ladrões em minha casa. Não sinto nada... nada. Mas, roubar-me... é uma ingratidão... É assim que pagam minha bondade?

Todos olham para os pratos, porém Machenka tem a impressão de que todos a fitam. Sente como que uma opressão na garganta e prorrompe em pranto, tapando o rosto com o lenço.

— Desculpem-me — balbucia —, a cabeça dói-me muito. Vou-me embora... Levanta-se pesadamente, fazendo barulho com a cadeira e, ainda mais perturbada, abandonada a mesa.

— Meu Deus! Para que foi você procurar no quarto dela? — diz Nicolau Serguievitch. — Isso não se faz. Não é direito...

— Não digo que foi ela que tirou o broche — contesta Fedosia Vasilevna. — Mas, pode você pôr a mão no fogo por ela?

— Claro que não... Contudo, revistá-la foi uma infâmia... Além disso, a lei não lhe confere direito para fazê-lo.

— Não conheço a lei. Sei que me furtaram o broche e quero encontrá-lo. E o encontrarei...

— exclamou, encolerizada e batendo com o garfo no prato. — E, você, coma e não se meta nos meus negócios.

Nicolau Serguievitch suspira e baixa timidamente os olhos.

Entrementes, Machenka chega a seu quarto e deixa-se cair na cama. Já não sente medo, nem vergonha, somente um desejo irresistível de enfrentar aquela mulher altiva, insensível, estúpida e feliz, e esbofeteá-la. Pensa no grande prazer que teria se pudesse sair e comprar um broche de melhor qualidade e atirá-lo na cara da patroa. Põe-se contente a imaginar Fedosia Vasilevna sem fortuna e obrigada a pedir esmolas, enquanto ela, Machenka, a ultrajada, lhe prestaria auxílio... Ah se fosse possível receber uma herança, comprar um carro e passar ruidosamente diante das janelas da patroa...

Mas tudo isso é ilusão: na realidade, não havia outra coisa a fazer senão ir para casa, sem perda de tempo. Por outro lado, como era horrível voltar a viver ao lado de sua família, onde falta tudo! Machenka não se sente capaz de encarar novamente a patroa, nem continuar vivendo em seu quartinho, onde se sufoca. Fedosia Vasilevna, meio louca com a sua pretensa aristocracia e suas doenças imaginárias, inspira-lhe horror, e tudo que se relaciona com aquela mulher parece-lhe feio e

insuportável. Machenka salta da cama e começa a arrumar as coisas.

— Posso entrar? — pergunta em voz baixa, do outro lado da porta, Nicolau Serguievitch, que se aproxima cautelosamente.

— Entre.

Nicolau empurra a porta. Seus olhos estão velados e o seu nariz vermelho brilha. Depois de comer, costuma beber cerveja e isso se nota no modo de caminhar e na debilidade das mãos.

— Que é isso? — pergunta.

— Arrumo minhas coisas. Desculpe-me, Nicolau Serguievitch, mas não me é possível continuar em sua casa. Sinto-me terrivelmente humilhada.

— Compreendo... mas isso é demais. Fizeram uma revista... Que tem que ver com isso? Nada acharam de mal...

Machenka cala e continua o que estava fazendo. Nicolau Serguievitch esfrega os bigodes, procurando argumentos.

— Compreendo muito bem. Porém, é necessário ser tolerante. Você sabe muito bem que a minha mulher é muito nervosa e não se pode levá-la a sério...

Machenka continua calada.

— Se você se julga ofendida — acrescenta Nicolau Serguievitch —, quer que eu lhe peça desculpas? Desculpe-me...

Machenka não responde, mas se inclina mais sobre o baú. Esse bêbado sem caráter não manda nada na casa. Desempenha um papel nulo antes os olhos de todos, até dos criados, e suas desculpas não têm valor.

— Hum!... Fica calada... Não lhe basta? Nesse caso, apresento-lhe minhas desculpas em nome de minha mulher. Em seu nome, repito... Ela procedeu mal e sem delicadeza. Confesso-o como cavalheiro...

Nicolau Serguievitch passeia pelo quarto, suspira e prossegue:

— Vejo que não permite minha consciência se tranquilizar...

— Mas eu sei que o senhor não tem culpa — disse Machenka, fixando nele seus grandes olhos chorosos.

— Naturalmente... Porém, não vá embora, peço-lhe.

Machenka sacode negativamente a cabeça. Nicolau Serguievitch para em frente à janela e bate nos vidros.

— Para mim, estes dissabores são um verdadeiro martírio... Quer que fique de joelhos? Humilharam-na, você chora e quer ir-se embora. Contudo, também tenho orgulho, e você não me faz caso. Quer que lhe diga uma coisa que não me atreveria a dizer em confissão? Quer que lhe confie o que não direi senão na hora da morte?

Machenka continua muda.

— Eu tirei o broche de minha mulher. Está satisfeita? Sim, eu o tirei... Naturalmente, confio que não o dirá a ninguém... Por Deus, nem uma palavra a ninguém, nem uma alusão.

Machenka, entre assustada e assombrada, continua arrumando a mala. Apanha seus papéis, atirando-os de qualquer maneira na maleta e na cesta. Depois da confissão de Nicolau Serguievitch, não pode ficar um só momento, nem sabe que partido tomar.

— Não há nada de assombroso nisso — prossegue, ao fim de algum tempo, Nicolau Serguievitch. — É absolutamente natural... Preciso de dinheiro, e ela me nega. Tudo que aqui existe obtive de meus pais, tudo. Esse broche era de minha mãe. Mas minha mulher se apoderou de tudo... Você fará falta. Não posso

levar minha mulher aos tribunais... Suplico-lhe que me perdoe... Fique!... Compreender é perdoar... Fica?

— Não! — afirma Machenka tremendo, mas enérgica. — Deixe-me ir embora.

— Não, não! Que Deus a proteja — suspira Nicolau Serguievitch, sentando-se em um banquinho junto à maleta. — Confesso que admiro quem, ao menos, sabe ofender-se e indignar-se. Ficaria aqui uma eternidade olhando seu rosto irritado... De modo que não quer ficar? Correto... isto não pode ser... é natural... porém, que hei de fazer? Ir para uma de nossas propriedades? Também lá existe gente que depende de minha mulher. Todos, administradores e colonos — que o diabo os carregue! — não fazem mais que hipotecar e reipotocar. Velhacos!

— Nicolau Serguievitch! - grita da escada a voz de Fedosia Vasilevna.

— Não fica mesmo? — insiste Nicolau Serguievitch, levantando-se e dirigindo-se para a porta. — Fique. Sempre virei vê-la em seu quarto e conversaremos... Quando se for, não ficará na casa nenhum rosto humano. Que horrível perspectiva!

O rosto pálido de Nicolau Serguievitch suplica, mas Machenka move negativamente a cabeça. Ele faz um gesto desesperado e sai.

Meia hora depois, Machenka está a caminho da casa de seus pais.

SOBRE O AUTOR

Anton Tchekhov (1860 — 1904), escritor russo, é, ao lado de Guy de Maupassant, a grande estrela do conto europeu da segunda metade do século XIX. Apesar de ter vivido apenas 44 anos, deixou mais de quatrocentos contos, cinco novelas e catorze peças teatrais. Do autor, recomendamos a leitura de "[O Inimigo seguido de Uma Noite Terrível](#)".